



**SUCESSÃO FAMILIAR EM PROPRIEDADES RURAIS FAMILIARES  
NO MUNICÍPIO DE LONDRINA-PR**

**FAMILY SUCCESSION IN RURAL PROPERTIES IN LONDRINA-PR CITY**

**STELLA DE SOUZA DIAMOR**

Universidade Estadual de Maringá

Email: souzad.stella@gmail.com

Orcid: 0000-0002-8234-3853

**CAROLINA ANDREA GÓMEZ WINKLER SUDRÉ**

Universidade Estadual de Maringá

Email: carolinagwinkler@gmail.com

Orcid: 0000-0002-1410-0729

## RESUMO

O objetivo do estudo é compreender o processo sucessório em propriedades rurais familiares no município de Londrina, PR, investigando os motivos de sua ocorrência, as facilidades e dificuldades percebidas no processo. A pesquisa é qualitativa descritiva, com dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com agricultores, analisados pela análise de conteúdo. Como resultado observou-se que os principais motivadores para a sucessão rural são amor à profissão, gostar de morar no campo e o aspecto financeiro, e a discussão e planejamento da sucessão rural ainda é incipiente nas famílias. As facilidades são tranquilidade do campo, amor à profissão, autonomia e tecnologias, e as dificuldades são altos custos, baixo retorno, clima, dificuldade de acesso às estradas e distância da escola e de hospitais que podem influenciar na sucessão. Além disso, faltam programas de cooperativas e do Estado, para amparar, orientar e debater sobre o tema e valorizar o jovem agricultor.

**Palavras-Chave:** Sucessão rural; Processo sucessório; Gestão rural familiar; Facilidades; Dificuldades.

## ABSTRACT

The objective of the study is to understand the succession process in family rural properties in Londrina, PR city, investigating the reasons for its occurrence, the facilities, and difficulties perceived in the process. This is qualitative descriptive research, with data collected through semi-structured interviews with farmers, analyzed by content analysis. As a main result, it was observed that the main motivators for rural succession are love for the profession, to like living in the field and the financial aspect, and the discussion and planning of rural succession is still incipient in families. The facilities are tranquility of the countryside, love for the profession, autonomy, and technologies, and the difficulties are high costs, low returns, climate, difficulty access to roads, and distance from schools and hospitals, and can influence succession. In addition, there is a lack of programs by cooperatives and government, to support, guide and debate on the topic and value young farmers.

**Keywords:** Rural succession; Succession process; Rural family management; Facilities; Difficulties.

## 1 Introdução

A sucessão rural é um tema que tem sido debatido e estudado por diversos autores tanto para compreensão do processo, quanto para desenvolvimento de programas que estimulam a sucessão. Os estudos focam a compreensão do processo, evidenciando o que influencia o interesse do jovem em trabalhar ou não na propriedade rural da família (FISCHER; BURTON, 2014; BERTONI; CAVICCIOLI, 2016; BREITENBACH; CORAZZA, 2019; PESSOTO *et al.*, 2019), a influência de agentes externos no processo, por meio de cooperativas ou do governo (KISCHENER; KIYOTA; PERONDI, 2015; MIRANDA; GOMES, 2016; BOESSIO; DOULA, 2017), e os efeitos da não sucessão para a sociedade a médio e a longo prazo (BOSCARDIN; CONTERATO, 2018).

Conforme Brizzolla *et al.* (2020), o estudo da sucessão rural familiar é decisivo para a continuidade e sobrevivência do negócio rural familiar. Segundo Fischer e Burton (2014), a sucessão rural familiar influencia o desenvolvimento da estrutura da propriedade e também cria identidade na mesma. Além disso, a falta de sucessão familiar traz implicações para o grupo familiar e também para a comunidade (BOSCARDIN; CONTERATO, 2018). Para o grupo familiar, duas consequências principais se apresentam: a perda do conhecimento específico sobre a produção rural acumulado na família e o destino incerto dos ativos (terra) (BERTONI; CAVICCIOLI, 2016). Para a comunidade, a implicação é a tendência da dinâmica fundiária, pois os filhos herdeiros decidem vender as terras, que normalmente são incorporadas a grandes propriedades onde se desenvolvem atividades de forma mais extensiva (BOSCARDIN; CONTERATO, 2018). Essa dinâmica fundiária reflete em fechamento de escolas rurais, igrejas, centros comunitários, diminuição das atividades sociais, enfraquecimento dos órgãos representativos, o que descaracteriza o cenário de produção rural familiar (BOSCARDIN; CONTERATO, 2018).

No Brasil, alguns dados evidenciam a necessidade de estudos e práticas que enfoquem a sucessão rural. Nota-se que há um envelhecimento rural, uma vez que em 2017, 23,2% dos trabalhadores possuíam 65 anos ou mais, comparado ao ano de 2006, em que 17,5% dos trabalhadores possuíam a mesma idade (IBGE, 2017). Além disso, há uma redução do número de filhos de trabalhadores rurais, e as escolhas dos jovens herdeiros dessas propriedades estão cada vez mais desvinculadas de atividades agrícolas, o que compromete a renovação da força de trabalho no meio rural (BOSCARDIN; CONTERATO, 2018).

As pesquisas mostram que diversas são as razões que motivam as pessoas a saírem da zona rural e não procederem com a sucessão rural familiar, como: dificuldades financeiras e falta de capital para investimento (BERTONI; CAVICCIOLI, 2016); falta de políticas públicas (que auxiliam na geração de renda e infraestrutura na área rural) (BREITENBACH; CORAZZA, 2019); falta de sucessores interessados a dar continuidade ao trabalho da família (COSTA; RALISCH, 2013; PESSOTO *et al.*, 2019); *déficit* cultural quanto à desvalorização da comunidade rural e a densidade populacional ao redor da propriedade rural que gera escassez de mão de obra e centralização de propriedades (KISCHENER; KIYOTA; PERONDI, 2015); condições do mercado de trabalho local (BREITENBACH; CORAZZA, 2019), e falta de planejamento (AHLERT, 2009).

Assim, têm-se como objeto de estudo no presente artigo as famílias agricultoras do município de Londrina, no Estado do Paraná. A produção rural é uma fonte de renda significativa para os produtores do município, pois 91,61% deles têm como finalidade principal a comercialização da produção, enquanto 8,39% produzem para o consumo próprio (IBGE, 2017). A safra de 2017/2018 foi de 5.493.642,94 toneladas, e as principais culturas são cana-de-açúcar, soja e milho (SEAB/DERAL, 2018). Em 2017, o número de estabelecimentos agropecuários era de 2.205, que diminuiu em comparação ao ano de 2006, que era 3.145 (IBGE, 2017). Destaca-se a redução de 31,2% de estabelecimentos agropecuários com pessoal ocupado e laço de parentesco com o produtor entre os anos de 2006 e 2017, o que pode evidenciar a diminuição da sucessão rural (IBGE, 2017). Esses dados demonstram que o tema demanda discussão também no município de Londrina-PR, e justificam a realização do estudo. Dessa forma, busca-se responder o seguinte problema de pesquisa: Como ocorre o processo sucessório em propriedades rurais familiares no município de Londrina, PR, considerando os motivos de sua ocorrência, as facilidades e dificuldades no processo?

Nessa orientação o presente estudo tem como objetivo geral compreender o processo sucessório em propriedades rurais familiares no município de Londrina, PR, investigando os motivos de sua ocorrência, as facilidades e dificuldades percebidas no processo. Os seguintes objetivos específicos são definidos: a) Investigar facilidades e dificuldades presentes na gestão da produção rural nas propriedades rurais familiares; b) Descrever a influência do Estado e das ações das cooperativas no processo de sucessão rural familiar; c) Entender os aspectos que motivam os

produtores rurais familiares a procederem com o processo sucessório na região de Londrina-PR. Os estudos mostram que, tradicionalmente, a preocupação com a sucessão rural era a escolha do sucessor dentre muitos herdeiros, e no contexto atual, a busca é garantir que, pelo menos um dos filhos esteja disposto a dar continuidade às atividades da família no campo (BOSCARDIN; CONTERATO, 2018). Apesar das pesquisas existentes, ainda há uma carência de estudos acadêmicos que tratam sobre o tema (PAULA; MOREIRA; MOTA, 2017).

Para alcançar os objetivos estabelecidos, o trabalho apresenta além desta introdução: uma segunda seção que contempla o referencial teórico; a seção seguinte apresenta os procedimentos metodológicos; na quarta seção, são apresentados e discutidos os resultados; em seguida, a quinta seção indica as considerações finais, e posteriormente, as referências utilizadas.

## 2 Referencial Teórico

### Sucessão Rural Familiar

A sucessão rural familiar ocorre pela continuidade, por parte do sucessor, do trabalho da família na propriedade rural. Assim, segundo Brizzolla *et al.* (2020), o processo sucessório implica na transmissão da gestão da propriedade a um sucessor, que se responsabiliza para dar continuidade às atividades que antes eram realizadas pelos pais. Para Paula, Moreira e Mota (2017), a sucessão é diferente da herança, uma vez que a sucessão se caracteriza pela continuidade da produção rural, enquanto a herança implica somente na passagem legal do patrimônio familiar rural. No caso da sucessão rural, "a lei não se ocupa com a continuidade da atividade e sim com a sucessão patrimonial", determinando o que cada membro da família herdou, se concretizando após a morte proprietário (AHLERT, 2009, p. 3).

Conforme Boscardin e Conterato (2018), a produção rural é uma das únicas profissões em que a relação de parentesco influencia na decisão da ocupação ou atividade econômica do jovem. O jovem (ou a juventude rural) é considerado como "aprendiz de agricultor no processo de socialização e de divisão social do trabalho na unidade familiar" (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 795). Assim, os sucessores, filhos de agricultores, adquirem conhecimento no meio rural desde criança, que pode favorecer, juntamente com outros fatores, a escolha da profissão. Conforme Mendonça *et al.* (2013) e Hischener, Kiyota e Perondi (2015), o jovem sucessor tem

introdução no trabalho da família ainda criança, aprende o ofício observando os pais e começa aos poucos a auxiliar efetivamente no trabalho. Conforme vai se tornando adulto, essas tarefas se intensificam, e com maior responsabilidade, resulta no controle da técnica e saber gerir a unidade rural (MENDONÇA *et al.*, 2013; KISCHENER; KIYOTA; PERONDI, 2015).

Conforme Fischer e Burton (2014), a sucessão rural familiar é socialmente construída, pois a socialização na propriedade rural começa desde cedo, e possui fortes analogias genealógicas. Assim, as crianças são identificadas como sucessoras desde pequenas, e essa identidade se reafirma por meio do envolvimento nas atividades na propriedade. O sucessor desenvolve o conceito das qualidades de um bom produtor, moldado pela realidade da família e da propriedade, relacionamentos e questões econômicas, associados aos níveis de estresse e satisfação, orgulho, reputação e características particulares da propriedade (FISCHER; BURTON, 2014).

Conforme Bertoni e Caviccioli (2016), as variáveis que influenciam a sucessão familiar são as características individuais, familiares e da propriedade. Os autores afirmam que a sucessão familiar tende a aumentar na medida em que: a) existem melhores condições físicas e econômicas na propriedade; b) quando a diferença de renda gerada pela propriedade e por um emprego alternativo é baixa; c) quanto mais próxima a propriedade for da região urbana. Outros aspectos que contribuem para a sucessão familiar são os laços familiares e afetivos como motivação para se manter no campo (BREITENBACH; CORAZZA, 2019).

Em complemento, Fischer e Burton (2014) citam outros fatores que contribuem para a diminuição da sucessão rural: a) aumento dos custos da produção rural; b) aumento do preço das terras; c) valores cada vez mais individualistas. Além disso, Pessoto *et al.* (2019) afirmam que a transferência de conhecimento entre as gerações (como habilidade técnica e qualificação) também é importante e influencia na sucessão rural familiar, e a probabilidade aumenta quando o potencial sucessor busca diploma acadêmico e estuda para a carreira na agricultura. Breitenbach e Corazza (2019) afirmam que o estudo proporciona melhor gestão de recursos financeiros, e como consequência, a melhora do desenvolvimento das atividades rurais pelos sucessores. Pessoto *et al.* (2019) destacam também a integração dos membros da família, e a inclusão do sucessor na gestão do negócio.

Outro fator é quanto ao estímulo por parte dos pais para a saída dos filhos do campo para a cidade, que existe no Brasil, incentivando-os a buscarem melhores condições por meio da educação, a fim de evitar que seus filhos passem pelas mesmas dificuldades (COSTA; RALISCH, 2013). A escola também pode contribuir para que esse jovem se distancie do campo, criando um abismo entre a cidade e o campo, através estereótipos (KISCENER; KIYOTA; PERONDI, 2015). O Quadro 1 resume os fatores que influenciam na sucessão rural familiar identificados.

**Quadro 1: Fatores que influenciam na sucessão rural familiar**

| <b>Autores</b>                    | <b>Fatores que influenciam na sucessão rural familiar</b>         |
|-----------------------------------|---|
| Bertoni, Caviccioli (2016)        | Condições físicas e econômicas da propriedade                     |
|                                   | Renda gerada na propriedade e renda gerada em emprego alternativo |
|                                   | Distância entre a propriedade e a região urbana                   |
| Breitenbach, Corazza (2019)       | Laços familiares e afetivos como motivação                        |
| Fisher, Burton (2014)             | Custos de produção  |
|                                   | Preço da terra  |
|                                   | Valores individualistas   |
| Pessoto <i>et al.</i> (2019)      | Transferência de conhecimento entre as gerações                   |
|                                   | Estímulo por parte dos pais                                       |
|                                   | Inclusão do sucessor na gestão do negócio                         |
| Costa, Ralisch (2013)             | Estudo para carreira na agricultura                               |
| Kischener, Kiyota, Perondi (2015) | Estereótipos criados na escola                                    |

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Ahlert (2009, p. 4), a sucessão da agricultura familiar é composta por três fases: “a transferência de patrimônio (a propriedade e suas benfeitorias), a continuidade das atividades profissionais exercidas pela geração atual e a saída da geração atual (a geração paterna) do controle do empreendimento”. Aos que almejam permanecer no campo, algumas dificuldades podem se apresentar quando suas opiniões não são levadas em consideração nas tomadas de decisão, devido ao sistema patriarcal que ainda prevalece no campo (COSTA; RALISCH, 2013). Com intuito de solucionar esse impasse os autores ressaltam a importância de introduzir esses jovens no processo de tomada de decisão familiar. Independente da forma como o processo sucessório irá se desenrolar, Lodi (1998 *apud* AHLERT, 2009, p. 5), pondera que:

*Deve-se planejar o processo sucessório, iniciá-lo o mais cedo possível, debatê-lo muito bem, ter visão de curto e longo prazo, estabelecer objetivos, estratégias e políticas do processo sucessório, consolidar um projeto, debater o estilo de administração, definir os critérios e parâmetros de avaliação, bem como planejar a distribuição da herança.*

Conforme Breitenback e Corazza (2019), as pessoas que vivem no campo possuem alguns benefícios, como maior qualidade de vida, convívio familiar mais próximo, relações sociais de vizinhança, que contribuem para a permanência no campo e fortalece o desejo de ser sucessor.

Alguns agentes podem minimizar os problemas enfrentados pelas famílias agricultoras e estimular a sucessão rural, como as cooperativas e o governo. Assim, é possível citar o papel das cooperativas e programas de incentivo, criados pelo governo, por meio das políticas públicas que favorecem a agricultura familiar e valorizam o jovem agricultor.

Com programas de estímulo desenvolvidos pela cooperativa, a família agricultora, em especial o jovem agricultor, poderá se sentir mais valorizado e amparado diante das dificuldades enfrentadas no campo (BOESSIO; DOULA, 2017). Além disso, a cooperativa pode auxiliar os produtores na produção e acesso aos insumos, na assistência técnica, além de estreitar as diferenças entre cidade e o campo, por meio da socialização, remuneração e tecnologia, por exemplo. As cooperativas podem também promover o fortalecimento de grupos locais e das organizações de agricultores, com iniciativas e atividades voltadas ao lazer, por meio de encontros que favorecem trocas de experiências, jogos recreativos, dentre outros (TROIAN; BREITENBACH, 2018). Assim, o possível sucessor pode se sentir cativado a permanecer na propriedade, já que as dificuldades antes percebidas podem ser minimizadas através dessa cooperação (BOESSIO; DOULA, 2017).

Para Breitenbach e Corazza (2019), no Brasil existe uma carência de ações que valorizem a juventude rural, bem como planos de sucessão familiar que incluam o jovem rural em planos e metas públicas do Estado. Uma das medidas do governo de apoio aos agricultores familiares é o Programa Nacional de Fortalecimento para a Agricultura Familiar (PRONAF) que tem como principal objetivo a promoção sustentável do meio rural por meio de ações que permitem o aumento da capacidade produtiva, melhoria da qualidade de vida e geração de empregos através de financiamentos (MIRANDA; GOMES, 2016). Segundo Troian e Breitenbach (2019), o acesso ao financiamento possibilita a obtenção de tecnologia, modernização do campo com máquinas e equipamentos que facilitam a realização das atividades, e reduz a penosidade do trabalho. As autoras ainda consideram que o Estado pode estimular a sucessão rural por meio de políticas que sejam voltadas



não só para a agricultura, mas também incluir a educação de qualidade e o estímulo ao desenvolvimento de projetos inovadores.

### 3 Metodologia

O presente estudo é de natureza qualitativa, do tipo descritiva, pois o foco foi conhecer o fenômeno em estudo, e apresentar precisamente suas características, como consideram Cervo e Bervian (2002). O corte da pesquisa é transversal, uma vez que a coleta de dados se deu em um determinado período no tempo, conforme Vieira e Zouein (2004). O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo, entre setembro e outubro do ano de 2019, no município de Londrina-PR. A coleta dos dados primários se deu utilizando entrevistas semiestruturadas com doze produtores rurais (dez proprietários e dois possíveis sucessores) do município em estudo.

A escolha dos participantes ocorreu de forma aleatória, por indicação e conveniência, e as entrevistas foram gravadas mediante autorização dos entrevistados. Conforme Minayo (2017), na pesquisa qualitativa, o critério de escolha dos entrevistados não é numérico ou sistemático, pois o enfoque não é a generalização, e sim o aprofundamento e abrangência na compreensão do fenômeno em estudo. Assim, o tamanho da amostra foi determinado pela saturação teórica, situação em que os pesquisadores identificam que a coleta de novos dados não iria gerar mais esclarecimentos à pesquisa (MINAYO, 2017). As principais características dos entrevistados são apresentadas na Tabela 1.

**Tabela 1: Características dos entrevistados**

| Entrevistado | Idade | Gênero    | Escolaridade         | Estado civil | Identificação | Tipo de Produção                    |
|--------------|-------|-----------|----------------------|--------------|---------------|-------------------------------------|
| A1           | 60    | Masculino | Fundamental completo | Casado       | Sucessor      | Grãos                               |
| A2           | 55    | Feminino  | Fundamental completo | Casada       | Sucessora     | Grãos                               |
| A3           | 65    | Feminino  | Sem escolaridade     | Casada       | Sucessora     | Hortaliças                          |
| A4           | 56    | Masculino | Fundamental completo | Casado       | Sucessor      | Grãos e pequena parte de hortaliças |
| A5           | 27    | Masculino | Superior Incompleto  | Casado       | Sucessor      | Grãos                               |

|     |    |           |                        |          |                       |                           |
|-----|----|-----------|------------------------|----------|-----------------------|---------------------------|
| A6  | 49 | Masculino | Fundamental completo   | Casado   | Comprou a propriedade | Hortaliças                |
| A7  | 76 | Masculino | Fundamental incompleto | Casado   | Sucessor              | Grãos                     |
| A8  | 68 | Masculino | Fundamental incompleto | Casado   | Comprou a propriedade | Pepino, tomate, abobrinha |
| A9  | 68 | Masculino | Fundamental completo   | Viúvo    | Sucessor              | Grãos                     |
| A10 | 66 | Masculino | Fundamental completo   | Casado   | Comprou a propriedade | Grãos                     |
| A11 | 36 | Masculino | Fundamental completo   | Casado   | Possível sucessor     | Hortaliças                |
| A12 | 46 | Masculino | Fundamental completo   | Solteiro | Possível sucessor     | Grãos                     |

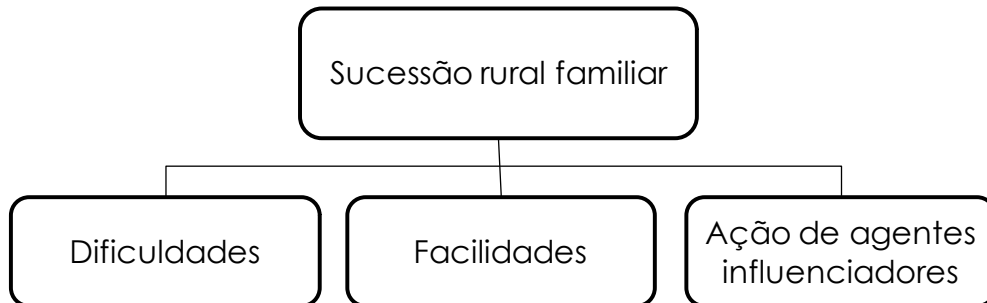
Fonte: Dados da pesquisa.

Os produtores entrevistados que foram considerados como sucessores herdaram a propriedade e deram continuidade na sua gestão que antes era realizada pelos pais, conforme definem Brizzola *et al.* (2020). Dois entrevistados são possíveis futuros sucessores, um deles já tem propriedade própria (A11) e o outro auxilia o pai nas atividades (A12). Três produtores (A6, A8 e A10) não se caracterizam como sucessores pois não herdaram suas propriedades, adquirindo-as através da compra. A atividade de produção predominante dos entrevistados é produção de grãos (soja, trigo, milho), e de hortaliças (folhas, pepino, tomate, abobrinha). As propriedades variam entre 5 mil m<sup>2</sup> a até 585 mil m<sup>2</sup>, sendo 8 delas próprias, e quatro são arrendadas para produção. A idade dos entrevistados foi entre 27 e 76 anos. A diferença de idade contribui para entender o processo de sucessão familiar a partir da experiência de produtores com idade mais avançada, bem como observar o contexto dos jovens produtores participantes da pesquisa.

O tratamento dos dados se deu pela transcrição integral das entrevistas, e a análise dos dados se deu por meio da análise de conteúdo qualitativa, seguindo as fases estabelecidas por Moraes (1999), que são: preparação das informações (leitura ampla acerca da literatura que abrange o tema, separação dos tópicos importantes); unitarização ou transformação do conteúdo em unidades (definição das unidades de análise); categorização ou classificação das unidades em categorias (agrupamento do conjunto de informações devido a suas similaridades); descrição (categorias de análise descritas de acordo com a literatura); interpretação (apresentação, análise e interpretação dos resultados). Dessa forma, as categorias

analisadas foram sucessão rural familiar, dificuldades, facilidades e ação de agentes influenciadores, conforme apresentado na Figura 1.

**Figura 1: Categorias de análise**



Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, com base no Referencial Teórico apresentado e no problema de pesquisa, as categorias de análise foram definidas de forma a contribuir para o alcance dos objetivos do trabalho. Dessa forma, para a compreensão do processo sucessório em propriedades rurais familiares e os motivos da ocorrência da sucessão, foi necessário o entendimento das dificuldades, facilidades e a ação dos agentes influenciadores.

## 4 Apresentação e análise dos dados

### 4.1 Sucessão rural familiar

Segundo os sucessores entrevistados, os principais fatores para a sucessão foram gostar da profissão e/ou de morar no campo e o aspecto financeiro. Assim, ter aprendido o ofício desde pequeno influenciou os produtores entrevistados a continuarem na gestão da propriedade rural, como é possível identificar na fala do entrevistado A6: “Desde pequeno estava ali junto, desde os doze anos, e acho que é assim com a maioria dos agricultores, os pais passam o amor pela agricultura para os filhos desde pequenos”. Assim, nota-se que, de uma forma geral, o trabalho no campo iniciou-se de forma precoce, como por exemplo o entrevistado A5, o qual iniciou seu trabalho no campo aos oito anos. Tal característica corresponde ao que afirmam Mendonça *et al.* (2013) e Kischener, Kiyota e Perondi (2015), ao relatarem que a introdução do jovem na atividade rural ocorre ainda na juventude.

Dessa forma, o ofício, na maioria das vezes, foi transmitido pelo próprio pai, que na lavoura foi instruindo o(a) filho(a) como lidar com a produção cultivada na

propriedade, indo de encontro com o que afirmam Mendonça et al (2013), Kischener, Kiyota e Perondi (2015) e Boscardin e Conterato (2018), que sustentam que a introdução do sucessor ainda é na juventude e o aprendizado é feito cotidianamente em conjunto com a família. Nota-se assim, que a sucessão rural é socialmente construída, como afirmam Fischer e Burton (2014), pois a socialização na zona rural começa desde criança, e como visto nas entrevistas, também possui analogias genealógicas.

Além de gostar da profissão e/ou de morar no campo, outro fator que influencia a sucessão é o aspecto financeiro, como observa o entrevistado A1: "Na minha visão, o que faz ou não a pessoa ficar na zona rural é basicamente o financeiro" e o entrevistado A7 "O que influencia a continuar é a renda, não adianta ter amor a terra, mas não ter a renda". Isso confirma o que sustentam Fisher e Burton (2014) e Breitenbach e Corazza (2019), ao afirmar que as condições físicas e econômicas da propriedade possuem um papel importante na sucessão.

Dentre os entrevistados, dois produtores são possíveis sucessores rurais, ou seja, jovens que vão herdar as propriedades e podem prosseguir com a sucessão. Esses dois entrevistados afirmaram ter aprendido a profissão também com os pais, e gostam de trabalhar e morar na zona rural. O entrevistado A11 afirma que quer dar continuidade na sucessão rural, pois: "A gente gosta da tranquilidade daqui, na cidade é muito agitado. A parte financeira também influencia". Já o entrevistado A12 não considera proceder com a sucessão rural, como afirma: "Eu pretendo achar um serviço melhor e sair, o ganho que a gente tem é muito pouco, gostaria de ter um salário fixo". Mais uma vez, os aspectos financeiros e o amor pelo campo se mostraram determinantes para a sucessão rural.

Para proceder à sucessão rural e minimizar algumas dificuldades que o futuro sucessor pode ter, é importante que o jovem seja introduzido na tomada de decisão familiar (COSTA; RALISCH, 2013). Assim, majoritariamente constatou-se que a tomada de decisão fica a cargo do produtor e da família, como relata o produtor A4: "Tudo nós, eu e os filhos, e o produtor A6:

Com meus filhos, hoje são eles que estão controlando, eles que mais decidem do que eu, porque hoje eles tomam as decisões por eles. Então quando eu era responsável, eu que dava minhas opiniões. Hoje eu deixei mais com eles, para poder encaminhá-los.

Já o agricultor A7 ressalta que a decisão final sempre foi dele, apenas com a chegada da idade, passou a consultar seu filho mais velho, "ultimamente a gente troca ideia com o filho mais velho, mas sempre a decisão foi minha [...] Depois de

certa idade tem que consultar alguém da família". Dessa forma, a participação do possível sucessor na tomada de decisão foi identificada empiricamente na região de Londrina com os entrevistados. Essa etapa em que o jovem começa a trabalhar na propriedade e participa de algumas decisões é a de continuidade das atividades profissionais exercidas pela geração atual definida Ahlert (2009).

Quanto à motivação para permanecer no campo, constatou-se que, predominantemente, os entrevistados permaneceram na atividade rural, pois a maioria deles nasceu, cresceu, aprendeu o ofício e se identificou com o trabalho. Como se observa nos relatos dos entrevistados A1: "A gente aprendeu a fazer aquilo e foi levando [...] também não sabia fazer outra coisa [...] e fica porque tem amor naquilo que faz" e a produtora A3: "desde criança sempre trabalhei no campo e eu gosto muito, sou apaixonada". Tal contexto confirma o que Fischer e Burton (2014) defendem que a sucessão rural familiar é socialmente construída, e depende do sentimento de identidade que o produtor cria com a propriedade, família, produção e conhecimento.

Apesar dos relatos de amor ao campo, foi possível observar que em sua maioria, os entrevistados não tiveram influência de um membro da família para permanecerem na zona rural e procederem com a sucessão, como o entrevistado A7: "eram todos produtores, e a gente continuou, e alguém tem que plantar, né [...] foi iniciativa minha mesmo". Dois entrevistados relataram terem sido influenciados de alguma forma a saírem do campo, como o A4: "teve uma pessoa, uma vez, que falou para ir para cidade, mas nunca passou pela minha cabeça" e no caso do entrevistado A5, seu pai o influenciou a estudar, "na verdade meu pai não influenciou em nada, ele me mandou estudar". Percebe-se, nesse caso, o que considera Costa e Ralisch (2013), quando os pais incentivam os filhos a saírem da zona rural na busca de estudos e melhores condições de vida.

Assim, fica evidente a preocupação da família com o estudo do jovem para uma possível posterior aplicação no campo, como consideram Costa e Ralish (2013) e Breitenbach e Corazza (2019), e como é possível observar na fala da entrevistada A2:

Lá no campo você pode trabalhar com tecnologia, com administração moderna, maquinários modernos, você poder ir para faculdade e trazer isso para o campo, modernizar o campo através do seu estudo. É preciso mostrar para o jovem que ele não precisa ficar na cidade para dar certo na profissão dele, ele pode olhar para o campo e transferir esse aprendizado no campo.

Porém, para os entrevistados, a decisão entre proceder ou não com a sucessão rural deve surgir do jovem possível sucessor. Quanto à discussão sobre o tema dentro da família, a maioria relatou que não houve discussão sobre o processo sucessório nem o seu planejamento, portanto observa-se o mesmo comportamento dos entrevistados com seus filhos. Segundo Ahlert (2009) é importante que haja discussão e planejamento do processo sucessório entre os membros da família.

Assim, foi possível observar a falta de diálogo sobre o tema na família, e há o incentivo dos pais para a saída do jovem do campo, como relata o entrevistado A1: “como sempre foi sofrido a lavoura, sempre dei apoio para ele tentar fora. Conseguir sobreviver fora da atividade rural”. Outros entrevistados relataram deixar nas mãos dos filhos essa decisão, mas sempre ressaltando as dificuldades enfrentadas pelo agricultor, como o entrevistado A5: “não vou forçar ninguém, ele vai fazer o que ele quiser, mas ele vai ver os perrengues, não precisa nem falar”.

Embora seja observada a falta do diálogo, quando indagados sobre a importância da discussão do processo sucessório dentro da família agricultora, os entrevistados disseram ser importante falar sobre o tema entre os membros da família, como relata o entrevistado A1: “é importante, se não a pessoa pode se iludir, pode fazer uma coisa achando que vai melhorar e pode piorar mais ainda, tem que estar ciente do que está acontecendo”. O entrevistado A11, relata que “sim, é importante, porque nossos pais são do tempo de não conversar, acho que tem que ter mais conversa”, quando questionado sobre a forma que abordaria o tema com sua filha, que é criança, relata que é importante ter o diálogo para que o aprendizado possa ser mútuo: “olha, eu acredito que escuto mais, e com mais diálogo, a criança pode trazer o conhecimento da escola, e a gente ouvir”.

Percebe-se que a falta de diálogo, discussão e planejamento da sucessão familiar são aspectos que ocorrem desde as gerações passadas dos agricultores entrevistados, e que se repete pela geração atual. A falta de planejamento deste processo, que envolve decisões para evitar conflitos e estimulam a comunicação, reflete na falta de controle que Ahlert (2009) destaca como um dos fatores importantes para a sucessão.

Apesar do amor à profissão e gostar de morar no campo, observa-se que há um desincentivo dos pais para a sucessão rural, o que pode justificar a falta de discussão sobre o tema na família. O Quadro 2 apresenta os destaques e análises das entrevistas realizadas.

**Quadro 2: Destaques e análises das entrevistas**

| Entrevistado | Trecho da entrevista   | Análise  |
|--------------|--|--|
| A3           | “Vamos supor, de 10 jovens, talvez um ou dois queiram ficar no campo, mas o resto não quer ficar, já vi casos de jovens que querem ficar, mas como os pais deram estudos, não queriam que os filhos ficassem.” | Desincentivo dos pais para a sucessão                |
| A8           | “Eu sempre falo que vivi na roça por tantos anos, e não quero que eles tenham a vida que eu tinha.”  |  |
| A9           | “Eu falo pra eles que se arrumar um emprego na cidade, vai ganhar mais.”   |  |
| A7           | “É importante conversar sobre isso, se a pessoa quer a sucessão, tem que conversar, desde que os filhos tenham vocação, se não, não adianta.”  | Importância da discussão sobre a sucessão na família |
| A8           | “É importante né, porque a família está em um processo de continuação, minha família não acaba aqui, não pode parar.”  |  |
| A10          | “É importante falar sobre isso sim, porque tem que mudar, tem que modernizar, tem que ter gente para plantar, porque a maioria só vai embora.”   |  |
| A4           | “É difícil, o preço das coisas subiram muito, para plantar mesmo, ficou muito caro.”   | Dificuldade financeira                               |
| A10          | “O preço do insumo, sempre que você vai vender o preço não ajuda, quando vai ver você está trabalhando no vermelho.”   |  |

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se nas falas dos entrevistados que o aspecto financeiro gera um desincentivo por parte dos pais para a sucessão rural. Além disso, observa-se que os entrevistados consideram importante discutir sobre a sucessão na família, o que pode ser estimulado por agentes na tentativa de aumentar o diálogo sobre o tema e favorecer a sucessão.

#### 4.1.1 Facilidades e dificuldades enfrentadas pela família rural

Diversas são as facilidades e dificuldades enfrentadas pelas famílias agricultoras entrevistadas, que podem impactar na decisão do jovem em permanecer ou sair da propriedade rural. Dentre as principais dificuldades pontuadas pelos agricultores, uma delas é a questão do custo de produção e seu baixo retorno. Segundo eles, o gasto é alto com os insumos para a plantação, e o preço está sujeito ao valor que o mercado impõe. Como relata o agricultor A1: “Maior dificuldade é o custo de produção [...] Margem de lucro do agricultor é muito pouca”. O agricultor A5 cita a dificuldade em conseguir um empréstimo, “[...] falta de incentivo dos bancos, fui duas vezes tentar financiamento e não consegui”. Essas dificuldades

relacionadas às condições econômicas da propriedade e os custos de produção influenciam na decisão de sucessão rural, conforme Fischer e Burton (2014) e Bertoni e Caviccioli (2016).

O produtor A7 salienta que o maior prejudicado é o pequeno produtor, “[...] a principal dificuldade, principalmente para o pequeno agricultor é que nós não vendemos o que nós colhemos, é os outros que compram, a gente está sujeito a oferta do mercado [...] Depende de mercado lá fora [...] O preço aqui é muito baixo”. Nas palavras do agricultor A10, que observa a disparidade entre o grande e o pequeno produtor, quanto à oportunidade de investimento, “Só o produtor grande tem vantagens, para investir, tem os benefícios para investir que o pequeno não tem”. As dificuldades quanto ao alto custo e baixo retorno se caracterizam pelo aspecto financeiro motivador para a sucessão que desestimula os jovens a permanecerem no campo.

Além disso, foram pontuadas as questões das incertezas quanto ao clima, saúde pela distância dos hospitais, problemas com acesso às estradas, segurança, e falta de escolas próximas, como relata o entrevistado A10: “[...] não tem uma escola, se for sair daqui, dá uns 4 km”.

Com relação às facilidades do campo, de maneira unânime foram citadas a tranquilidade de morar no campo, a autonomia no trabalho, e amor à profissão. Como relata o agricultor A5: “a vantagem é fazer o que eu gosto e trabalhar por conta”. Já o agricultor A2, pontuou “[...] amor à terra e a distração”. O agricultor A11 comemora a chegada da internet em sua propriedade, que facilita o contato com seu cliente, “[...] porque internet tem, era o que faltava, agora chegou [...]”. Já o agricultor A9, ressalta o conhecimento e a facilidade da produção com os maquinários disponíveis, que facilitam o trabalho: “A vantagem é que a gente não sabe fazer outra coisa, né, tem que encarar, e precisa ter quem faz, mas outra vantagem é o maquinário que hoje tem”. O Quadro 3 sintetiza as principais facilidades e dificuldades pontuados pelos entrevistados:

**Quadro 3: Facilidade e dificuldades pontuados pelos agricultores**

| Facilidades                     |                                      | Dificuldades              |                            |                      |
|---------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|----------------------------|----------------------|
| Tranquilidade em morar no Campo | Amor a profissão                     | Altos custos de produção  | Incertezas quanto ao clima | Acesso às estradas   |
| Autonomia no trabalho           | Tecnologias que auxiliam na produção | Baixo retorno da produção | Distância de hospitais     | Distância de escolas |

Fonte: Dados da pesquisa.



As facilidades citadas pelos entrevistados podem influenciar na sucessão rural, pois conforme Fischer e Burton (2014), deve haver um envolvimento do futuro sucessor na propriedade, sentimento de orgulho e reputação, bem como questões econômicas que permitem a aquisição de tecnologias que irão auxiliar na produção rural. Já as dificuldades também podem influenciar, além de custos e fatores econômicos, a questão geográfica da propriedade rural como cita Breitenbach e Corazza (2019), como a distância da região urbana, hospitais e escolas.

#### 4.1.2 Agentes influenciadores na sucessão rural

Segundo os entrevistados, as cooperativas e o Estado deveriam focar mais na sucessão e desenvolver programas para a inclusão do jovem na produção rural. Para o produtor A2, a cooperativa quase não aborda o tema com seus cooperados, “[...] a cooperativa está falando muito pouco, praticamente não fala”. Já o entrevistado A1, relata “não vou dizer que não tem orientação, mas poderia ser um pouco melhor”, ao observar que as iniciativas deveriam ser mais efetivas, sobre o tema. Na visão do produtor A2, a cooperativa precisa se aproximar do jovem “sim, mas é preciso trazer o jovem para a cooperativa”.

Quanto ao Estado, os entrevistados afirmam que uma influência que pode ser considerada é o crédito rural por meio do PRONAF, que auxilia no custeio da produção, como afirma o produtor A2: “pode estar ajudando em subsídios, seguros. Tem que continuar, programas como PRONAF, sustentabilidade”. Por meio do financiamento, a influência do PRONAF na sucessão rural se identifica pelo auxílio às condições econômicas da propriedade, que dificultam a sucessão conforme Fischer e Burton (2014) e Bertoni e Carviccioli (2016), e pode contribuir para investimentos na produção e/ou tecnologias que beneficiam o produtor.

Além disso, na visão dos entrevistados, o governo tem papel importante na discussão do tema, por meio de programas poderia influenciar a discussão dentro da família e instigar o jovem a permanecer no campo. Notou-se que mesmo com a existência de programas como PRONAF, os agricultores ainda carecem de programas para incentivar a continuidade da produção rural pelas famílias. Os entrevistados salientaram a preocupação com a falta do olhar do governo a esses agricultores, como se identifica na fala do agricultor A8, “eu vejo que o governo tinha

que cuidar mais do agricultor, [...] cuidar mais de estrada, [...] ajudar o jovem para ter respaldo e possa continuar na roça com os pais”.

Observa-se que, na região pesquisada, não foi possível identificar a influência das cooperativas ou do Estado no processo de sucessão rural familiar. Nota-se que falta amparo destes agentes para discutir sobre o tema e minimizar as dificuldades que o agricultor enfrenta, o que confirma o que considera Breitenbach e Corazza (2019). Programas para a valorização do jovem no campo, estreitar as diferenças entre a cidade e o campo, facilitar o acesso à tecnologia, assistência técnica, por exemplo, podem contribuir para a sucessão rural familiar (BOESSIO, DOULA, 2017). A falta de planejamento, discussão e controle sobre a sucessão rural identificados na pesquisa poderia ser estimulada pelas cooperativas, com programas de treinamentos para trazer o conhecimento aos produtores e sucessores, a fim de ter pessoas preparadas para a continuidade da produção rural familiar.

Considerando as dificuldades vivenciadas pelos entrevistados em permanecer no campo, bem como as possibilidades de estímulo para a sucessão rural das cooperativas e do Estado, o Quadro 4 apresenta ações que podem contribuir para a sucessão rural familiar. Assim, busca-se ações para mitigar problemas financeiros e dificuldades estruturais, fortalecer os grupos locais, educação de qualidade e estímulo ao desenvolvimento de projetos inovadores e estimular a discussão sobre a sucessão.

**Quadro 4: Ações para favorecer a sucessão rural familiar em Londrina-PR.**

| Objetivo   | Ação   | Agente influenciador |
|--|--|----------------------|
| Mitigar problemas financeiros  | Acesso a insumos com custos reduzidos.                                     | Cooperativa          |
|  | Apoio técnico.   |                      |
|  | Instrução para produção de produtos diferenciados.                         |                      |
|  | Acesso a financiamento de maquinários.                                     | Estado               |
| Mitigar dificuldades estruturais   | Investimento em acesso às propriedades e escolas/transporte escolar rural. | Estado               |
| Fortalecimento de grupos locais  | Iniciativas e atividades de lazer, troca de experiências.                  | Cooperativa          |
| Educação de qualidade e estímulo ao desenvolvimento de projetos inovadores | Investimento em educação e inovação voltada para a produção rural.         | Estado               |

|   |   |                      |
|---|---|----------------------|
| Estimular a discussão sobre sucessão na família | Mitigar problemas financeiros.  | Cooperativa e Estado |
|   | Programas/encontros com orientação para o estímulo ao planejamento da sucessão. | Cooperativa          |

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao observar a realidade dos produtores entrevistados em Londrina-PR, quanto aos problemas financeiros, as cooperativas podem permitir o acesso a insumos com custos reduzidos (TROIAN; BREITENBACH, 2018), e oferecer apoio técnico e instrução para a produção de produtos diferenciados no intuito de vender produtos com valor agregado, principalmente aos pequenos produtores (BÁNKUTI, 2016). Por meio do Estado, o acesso a financiamento de maquinários favorece para a produtividade no campo com menor penosidade no trabalho (TROIAN; BREITENBACH, 2019). As dificuldades estruturais, como acesso à propriedade e escola podem ser reduzidas pelo investimento do Estado em estradas, criação de escolas próximas ou investimento em transporte escolar rural. O fortalecimento de grupos locais pode ser criado pelas cooperativas com iniciativas e atividades de lazer e trocas de experiência (BOESSIO; DOULA, 2017; TROIAN; BREITENBACH, 2019).

Além disso, o Estado também pode investir em educação e projetos de inovação voltados para o campo para melhoria da qualidade de vida dos produtores (TROIAN; BREITENBACH, 2019). Por fim, para estimular a discussão sobre a sucessão na família, a redução dos problemas financeiros pode estimular o diálogo, bem como programas e encontros com orientação para o estímulo ao planejamento da discussão podem ser realizados (AHLERT, 2009). Dessa forma, a Figura 2 apresenta os principais resultados da pesquisa, conforme as categorias de análise utilizadas.

Dessa maneira, de uma forma geral, segundo os entrevistados o principal aspecto para a sucessão é o amor à profissão e gostar de morar no campo, aspectos que são construídos socialmente dentro da família, e não dependem de ações externas. Além disso, para alguns entrevistados, esses aspectos superam as dificuldades financeiras presentes, e para outros, gera o desincentivo para a continuidade no campo. Assim, ações são necessárias para estimular a sucessão rural e a continuidade/ sobrevivência do negócio rural familiar, por meio do Estado ou de cooperativas, como programas que estimulem o diálogo sobre a sucessão nas famílias, incentivo a realização do planejamento para sucessão (AHLERT, 2009) e auxílio financeiro para produção (BOESSIO; DOULA, 2017).

**Figura 2: Sucessão rural familiar em Londrina-PR**

Fonte: Dados da pesquisa.

## 5 Conclusões

O objetivo do presente trabalho foi compreender o processo sucessório em propriedades rurais familiares no município de Londrina, PR, investigando os motivos de sua ocorrência, as facilidades e dificuldades no processo. Para isso, foi realizado um estudo de qualitativo descritivo com corte transversal, e coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com produtores rurais do município. Os dados foram analisados pela análise de conteúdo, com enfoque nas categorias de análise: Sucessão rural familiar, dificuldades, facilidades e ação de agentes influenciadores.

Como resultados, observam-se que os principais motivadores para a sucessão rural foram amor à profissão, gostar de morar no campo e aspecto financeiro. Notou-se que os produtores iniciam as atividades no campo ainda quando crianças, e adquirem conhecimento por meio da experiência dos pais no processo de socialização para a sucessão, e a tomada de decisão compartilhada entre o produtor e o sucessor contribui de forma positiva para o processo. As facilidades identificadas foram a tranquilidade em morar no campo, o amor à profissão, a autonomia no trabalho e tecnologias de auxílio à produção. Nota-se que os produtores estimulam os filhos para o estudo na cidade, e a falta de discussão sobre a sucessão é um comportamento repetido ao longo das gerações. A carência de

planejamento e discussão sobre o tema repercute na falta de controle, o que pode resultar na perda de ganhos futuros, falta de organização e de avaliação do desempenho da propriedade.

As principais dificuldades encontradas pelos agricultores são os altos custos e baixo retorno da produção, incertezas quanto ao clima, dificuldade de acesso às estradas e distância da escola, que podem influenciar de forma negativa na sucessão rural familiar e serem minimizadas tanto pelo governo, quanto por cooperativas. As facilidades identificadas podem influenciar de forma positiva pelo sentimento de orgulho e reputação dos agricultores.

Quanto aos agentes influenciadores, percebe-se que estes possuem pouco impacto na decisão dos jovens sucessores. Assim, destaca-se que falta amparo das cooperativas e do Estado para discutir o tema, minimizar as dificuldades do agricultor e valorizar o trabalho do jovem no campo. Dessa forma, a partir dos dados identificados em Londrina-PR, o presente estudo contribui ao permitir compreender a sucessão rural familiar, mas também apresenta ações que podem ser realizadas pelos agentes para favorecer a sucessão rural. Assim, mitigar os problemas financeiros e dificuldades estruturais, fortalecer os grupos locais, educação de qualidade e estímulo ao desenvolvimento de projetos inovadores e estímulo à discussão sobre a sucessão na família são práticas que podem favorecer a permanência dos produtores e suas famílias no campo.

Dessa forma, apesar de alcançar os objetivos propostos, é possível destacar algumas limitações do estudo. Uma delas é a realização das entrevistas apenas com produtores, não analisando os demais agentes, como um representante do Estado e Cooperativas. Isso gera uma possibilidade de futuros estudos que contemplem entrevistas com estes três agentes no intuito de triangular as informações e melhor compreensão sobre o tema. Estudos com o foco na juventude rural também podem ser realizados, buscando compreender suas percepções e motivações com relação à sucessão. Além disso, outra possibilidade de futuros estudos é abrangência da pesquisa, não apenas focando na região de um município, podendo ampliar para âmbito regional e nacional.

## Referências

- AHLERT, Lucildo. A Sucessão das atividades na agricultura familiar. **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009.
- BÁNKUTI, S.M.S. Differentiated agrifood systems (DAS): Organizational arrangements for small and mid-sized farmers. II Simpósio Internacional em Agronegócio e Desenvolvimento. Tupã, **Anais eletrônicos**. 2016.
- BERTONI, Danilo; CAVICCHIOLI, Daniele. Farm succession, occupational choice and farm adaptation at the rural-urban interface: The case of Italian horticultural farms. **Land Use Policy**. v.57, p.739-748, 2016.
- BOESSIO, A.; DOULA, S. Sucessão Familiar e Cooperativismo Agropecuário: Perspectivas de Famílias Cooperadas em um Estudo de Caso no Triângulo Mineiro. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 40, p. 433-458, 11 ago. 2017.
- BOSCARDIN, Mariele; CONTERATO, Marcelo A. As mudanças nos padrões sucessórios e suas implicações no destino das propriedades rurais entre agricultores familiares no norte do Rio Grande do Sul, **Estudos Sociedade e Agricultura**. v.25, n.3, p.671-695, 2018.
- BREITENBACK, Raquel; CORAZZA, Graziela. Formação profissional e a relação com a sucessão gerencial entre jovens rurais, Brasil. **Revista latino-americana de ciências sociais, niñez e juventud**. V.17, n.2, p.1-34, 2019.
- BRIZZOLLA, Maria M.B.; NETO, Alexandre C.; KRAWSZUK, Gabriela L.; BERLEZI, Maiara. Sucessão familiar em propriedades rurais. **Research, Society and Development**. v.9, n.10, 2020.
- CERVO, A.; BERVIAN, P.A. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- COSTA, Fernando L. M.; RALISH, Ricardo. A juventude rural do assentamento Florestan Fernandes de Florestópolis – PR. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. v.51, n.3, p.415-432, 2013.
- FISCHER, Heike; BURTON, Rob J.F. Understanding farm succession as socially constructed endogenous cycles. **Sociologia Ruralis**. v.54, n.4, p.417-438, 2014.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- KISCHENER, Manoel A.; KIYOTA, Norma; PERONDI, Miguel A. Sucessão geracional na agricultura familiar: lições aprendidas em duas comunidades rurais. **Mundo Agrario**. v.16, n.33, p.1-28, 2015.

MENDONCA, Kenia F. C.; RIBEIRO, Eduardo M.; GALIZONI, Flávia M.; AUGUSTO, Hélder A. Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 30, n. 2, p. 445-463, 2013.

MINAYO, M.C. de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. v.5, n.7, p.1-12, 2017.

MIRANDA, Dayana L. R.; GOMES, Bruno M. A. Programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar: trajetórias e desafios no Vale do Ribeira, Brasil. **Sociedade e natureza**. v. 28, n. 3, p. 397-408, 2016.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Vilmar R.; CECATO, Ailton J.; BORGES, Carlo R.; WEYMER, Alex S. Q. O reflexo da Sucessão familiar da zona rural nas relações cooperativistas: o caso de uma cooperativa agroindustrial. **GEPEC**, v. 22, n. 1, p. 09-23, 2018.

PESSOTO, Ana P.; COSTA, Carlos; SCHWINGHAMER, Timothy; COLLE, Gabriel; CORTE, Vitor F.D.; Factors influencing intergenerational succession in Family farm businesses in Brazil. **Land Use Policy**. v.87, p.1-8, 2019.

PAULA, Samuel; MOREIRA, A.B.; MOTA, D.A. Sucessão familiar em propriedades rurais: Um estudo da situação sucessória entre os acadêmicos do curso de Agronomia UFFS Erechim e seus pais. **Scientific Electronic Archives**. v.10, n.6, 2017.

SEAB – Secretaria da agricultura e do abastecimento. Levantamento da Produção Agropecuária: Produção Agrícola por Município. 2018. Disponível em: <https://www.agricultura.pr.gov.br/deral/ProducaoAnual>. Acesso em: 13 jul. 2021.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e juventudes em estudos rurais no Brasil. **Interações**. v.19, n.4, p.789-802, 2018.

VIEIRA, M.M.; ZOUAIN, D.M. **Pesquisa Qualitativa em Administração**. 2.ed. Rio de Janeiro: FVG, 2004.